

A NATUREZA DA MORDIDA

Michelle Aranda Facchin¹



A natureza da mordida (2022), romance escrito por Carla Madeira e recentemente publicado pela editora Record, articula temáticas de impacto emocional em duas personagens principais, Olívia e Emma (Biá). A epígrafe que abre a narrativa sintetiza o conteúdo essencial da ficção de Carla Madeira, em questionamento sobre a realidade que “escapa como um peixe que arrancamos da água com as mãos, enquanto nos agarramos a ela como naufragos.” (MADEIRA, 2022, p. 8). Os fatos escorregadios e plurissignificativos predominam nas histórias contadas por Biá, uma professora aposentada que sofre de uma espécie de demência senil e cujo universo depressivo se torna colorido pelas conversas instigantes com Olívia, uma jovem jornalista que também frequenta a banca de revistas do Rodolfo e por quem Biá desenvolve um carinho especial e uma amizade com várias afinidades: ambas são amantes da leitura, buscando ressignificar as perdas pela fala e pela escrita; ambas se amparam na estória da outra, buscando sentido ao passado, revisitando as cenas e capítulos de suas vidas para, assim, superarem a própria dor.

O livro é dividido em 18 encontros das duas mulheres, relatando episódios nos quais bons acontecimentos estão misturados a desgraças e desolamentos que abalaram o emocional das personagens. Duas gerações, duas estranhas em comunhão para aliviarem

¹ Doutora em Letras pela Unesp de São José do Rio Preto (SP), Mestre em Estudos Literários pela Unesp de Araraquara. Especialista em Linguística e Estudos Literários (Unaerp, 2009). Professora na Fatec, Jaboticabal. E-mail: michelle.facchin@fatec.sp.gov.br

os conflitos mais íntimos, pois, como bem afirma a personagem Biá, as lembranças significativas se tornam “ilhas”, “sabotando todo um mar de motivos para esquecer” (MADEIRA, 2022, p.11). Por certo, as memórias das duas mulheres estão acentuadas, pedindo a todo o tempo que as encarem, como também o próprio romance faz ao leitor: o chama para visitar as questões psicológicas e lidar com a dor, que também pode ser a sua própria, se considerarmos a universalidade das emoções de raiva e alegria ou de sentimentos como a angústia, a decepção, a tristeza, dentre outros a acometerem o ser humano.

A literatura de Carla Madeira esmiúça o interior das personagens, oferecendo relatos pessoais em tom de confidências e cartas, atizando a curiosidade do leitor para descobrir o que levou o marido de Biá a desaparecer e o que levou Rita, a melhor amiga de Olívia, a cortar relações com ela nos tempos de adolescência. Duas tramas, com duas mulheres intensas, generosas e inteligentes, envoltas por literatura de escrita fluida, profunda, instigante, em diálogo com outros textos. Encontramos Sartre, Guimarães Rosa, Victor Hugo, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Tolstói, Gabriel García Márquez, dentre os clássicos diluídos nas palavras das personagens, em forma de citações literais e também citações livres (parafraseadas), cujas fontes nos são reveladas em capítulo final intitulado “Citações de Biá”. Como menciona Biá: “Algumas coisas que li não se contentaram com minha memória, caíram no meu sistema digestivo e eu as incorporei como a um bom bife” (MADEIRA, 2002, p. 66), analogia esta que me lembrou do Manifesto Antropófago de Oswald de Andrade. Algumas passagens pude identificar, como a de Guimarães em “A terceira margem do rio”: “Cê vai, ocê fique, você nunca volte!”, que faz um paralelo não apenas discursivo, mas também no nível psicológico da personagem Biá, cujo isolamento emocional travado após a partida do marido assemelha-se à solidão do personagem de Guimarães Rosa.

Foram no total trinta citações, explicitadas no último capítulo, como a garantir as regras do jogo metatextual empreendido pelo romance. Menciona-se a página onde aparece a citação, por qual personagem está encarnada e o nome da obra com a qual estabelece dialogismo. Este capítulo final atua como uma espécie de paratextualidade (me baseio aqui no conceito de Genette²), a comprovar a intertextualidade, neste caso,

² Para Genette, a paratextualidade é um complemento dado ao texto, facilitando ao leitor identificar as relações intertextuais e marcas de interpretação. (GENETTE, 2010, p. 15)

não deixada exclusivamente a cargo da percepção do leitor (Riffatere, 1979)³, a quem são dadas algumas pistas ao longo da narrativa, como a passagem dita por Biá: “A ponto de não saber mais se são minhas as palavras que digo ou se eu deveria viver entre aspas.” (MADEIRA, p. 65)

As tramas contadas pelas duas mulheres têm desfechos de tensão diminuída, se compararmos com o estilo narrativo predominante no romance. O que levou Rita a se afastar de Olívia? O que levou Teodoro a abandonar Biá e a filha?

No caso do rompimento entre as amigas de infância, há um desenvolvimento descritivo interessante, com a participação de Biá, por meio de uma carta que deixou à Olívia antes de morrer, na qual é revelado, de forma enigmática e por meio de um trocadilho, o motivo da Rita apartar-se de sua melhor amiga. Já no caso de Biá e Teodoro, a explicação para o casamento rompido pareceu-me um pouco descolado da trama e pouco coerente com o personagem construído ao longo da obra, considerando a premissa de que o sentido depende da correlação de um elemento com o todo que o abriga. (Todorov, 2008, p. 220).

Desse modo, a revelação de um transtorno perverso em Teodoro, que passa a ter sonhos com a própria filha, não se encaixa tão perfeitamente com as características do personagem e, por isso, deixa-se passar como uma espécie de solução rápida para uma trama cuja amplitude parece se estreitar sob um desfecho precoce ou imposto à narrativa. Esse conflito resulta em uma incoerência entre o romance e o seu desfecho, porém, felizmente, não é suficiente para destemperar a obra. Sem dúvida, o livro em questão é capaz de nos segurar por horas, mantendo-nos na expectativa pelas revelações. Além disso, nos faz mergulhar nos sentimentos e emoções apresentadas de forma realista e humana, como a escrita de Carla Madeira também demonstra em livros publicados anteriormente (*Tudo é rio e Véspera*).

Referências

BARTHES, R. et. al. *Análise estrutural da narrativa*. Petrópolis: Vozes, 2008.

GENETTE, G. *Palimpsestos*. Belo Horizonte: Viva Voz, 2010.

³ intertexto é a percepção, pelo leitor, de relações entre uma obra e outras que a precederam ou a seguiram. (RIFFATERE, 1979)

MADEIRA, Carla. *A natureza da mordida*. Rio de Janeiro: Record, 2022.

RIFFATERE. *La production du text*. Seuil, 1979.

Recebido em: 30/01/2024

Aceito em: 28/03/2024